

FÚLVIA ROSEMBERG
UM DEPOIMENTO, EM JEITO DE HOMENAGEM, DO LADO
DE CÁ DO ATLÂNTICO

Manuel Sarmiento

Instituto de Educação da Universidade do Minho/CIED

Há três ou quatro nomes, apenas, em todo o Brasil, que marcaram a reflexão sobre as políticas de infância e sobre a educação nos últimos 30 anos. Fúlvia Rosemberg é, sem dúvida, um deles.

O seu desaparecimento, para muitos inesperado, na sequência de uma doença fulminantemente inapelável, em 12 de setembro passado, mobilizou muitos e muitas professores e professoras e pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, numa comovida reflexão sobre o legado de Fúlvia e a difícil substituição do seu papel no desenvolvimento das lutas por políticas públicas inclusivas, especialmente no campo da educação e da infância, e na construção de um conhecimento tão rigoroso quanto implicado na promoção da igualdade social.

Conheci Fúlvia, enquanto académica, no 1º Fórum Mundial da Educação, que se realizou em Porto Alegre, em outubro de 2001. Pude, então, testemunhar a sua força e energia na defesa do que lhe parecia mais justo. No tempo, o que estava em causa era a expansão da educação de infância no sistema público da educação no Brasil, contra as propostas de organizações e agências internacionais que difundiam a ideia de uma desvalorização da creche e da “escola infantil” (como se diz no Brasil) em nome da informalização e comunitarização das respostas educativas. A armadilha desta proposta recomendada pelas agências internacionais (especialmente o Banco Mundial e o FMI) estava no bloqueio ao esforço necessário para promover a educação da infância num país que, então, se encontrava muito aquém dos indicadores internacionais mais relevantes no que respeita às taxas de frequência em educação infantil e nos indicadores de proteção das crianças. Passados estes anos, o Brasil é um dos países do mundo que mais avançou na taxa de cobertura da educação dos 0 aos 6 anos, através, sobretudo da sua rede de educação pública.

Mais tarde, no âmbito dos trabalhos do Comité de Sociologia da Infância da Associação Internacional de Sociologia da infância, que integramos, da Fundação Ford, cujas bolsas para estudos avançados em Educação, destinadas a estudantes de grupos sociais excluídos ou discriminados, Fúlvia dirigia, ou nas visitas que trocamos na Universidade do Minho e na PUC de São Paulo, reencontrei a pesquisadora brasileira numa atitude sempre atenta ao desenvolvimento das políticas públicas para a infância e aos desafios que elas colocam nas encruzilhadas dos caminhos que o Governo Lula indiscutivelmente veio a abrir e dos falsos destinos que orientações hegemónicas neo-liberais assinalavam, a partir sobretudo, de instâncias metarreguladoras internacionais.

Em maio passado, no âmbito de um projeto de que sou consultor, em Vitória do Espírito Santo, reencontrei Fúlvia Rosemberg, defendendo, com a veemência de sempre, os direitos dos bebés à educação, aparentemente postos em causa por políticas que reforçam a sua inviabilização e têm por efeito principal reforçar a exclusão dos mais excluídos, invisibilizar os mais invisíveis e desprover de condições de bem-estar os menos protegidos dos seres humanos. A causa da educação dos bebés constituiu, porventura, a última das batalhas políticas e académicas desta cientista social (psicóloga de formação de base e discípula de Wallon) que, durante a sua vida, se empenhou académica e socialmente na denúncia do trabalho infantil, no combate aos fatores de exclusão dos negros e das populações indígenas, nas causas feministas, na incessante promoção do bem-estar das crianças e no empenho pela igualdade social e por uma sociedade justa.

Nem sempre partilhei algumas das orientações teóricas de Fúlvia, como a ênfase, a meu ver desajustada, numa ciência social latino-americana, definida por demarcação da agenda científica (que julgo ser de orientação universalista, sem menosprezo de especificidades regionais e linguísticas), das ciências sociais de matriz europeia, tal como se constituíram na modernidade; ou a desconfiança radical numa lógica dos direitos humanos e das crianças, que, apesar de todas as suas contradições, julgo continuarem a ser uma base consistente, desde que apoiada no pensamento crítico, para a promoção da igualdade social e do bem-estar das crianças. Mas Fúlvia era, indiscutivelmente, uma professora e investigadora com quem a troca e luta de ideias sempre constituía um fator de enriquecimento, formação e amadurecimento para o seu interlocutor, dada a sua inteligência, acuidade de pensamento e sentido de exigência.



Fúlvia confessou-me, um dia, que não comia peixe e detestava bacalhau. Tive o grato prazer de lhe apresentar o queijo da serra, que esta mulher que estudou e viveu vários anos em Paris, achou superior a todos os outros. Com o prazer partilhado de uma fatia de queijo e ao som da música de Gilberto Gil, que tanto apreciava, ergo o meu cálice de Porto de homenagem ao pensamento e ao exemplo desta tão importante investigadora do campo dos estudos da infância.